



**HAL**  
open science

## ALIRE; UM HISTÓRICO

Philippe Bootz

► **To cite this version:**

| Philippe Bootz. ALIRE; UM HISTÓRICO. Galáxia, 2014, 14 (27), pp.196-201. <sic\_05286983>

**HAL Id: sic\_05286983**

**[https://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic\\_05286983v1](https://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_05286983v1)**

Submitted on 27 Sep 2025

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire HAL, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons CC BY-NC-ND 4.0 - Attribution - Non-commercial use - No Derivative Works - International License

# ALIRE; UM HISTÓRICO<sup>1</sup>

Original: *Alire*, un historique

Por: Philippe Bootz<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste texto, Philippe Bootz refaz a história e filiações da poesia eletrônica na França, enfatizando as tendências e o significativo papel da “poesia animada” deste gênero literário Francês. O autor se concentra na vanguarda do grupo L.A.I.R.E. e da revista *alire*, ambos fundados por ele e Tibor Papp em 1988 e 1999, respectivamente. Ainda para este poeta e pesquisador, a literatura eletrônica também tem uma história própria. Essa história é um objeto de debate e posicionamento dentro de um campo de conhecimento, particularmente na França.

Palavras-chave: Poesia eletrônica na França; Grupo L.A.I.R.E.; Revista *alire*.

**Abstract:** In this paper, Philippe Bootz retraces the history the affiliations of electronic poetry in France, emphasizing the tendencies and a significant role in the diffusion of “animated poetry” of this French literary genre. The author focuses on the avant-garde of the group L.A.I.R.E and the review *alire* magazine, both founded by him and Tibor Papp in 1988 and 1989, respectively. Yet for this poet and researcher, the electronic literature also has its own story. This story is an object of debate and positioning within a field of knowledge, particularly in France.

Key words: Electronic poetry in France ; Group L.A.I.R.E.; Review *alire*.

Foi durante meu primeiro encontro com Tibor Papp em 1988 que surgiu a ideia de criar um grupo vanguardista de poesia eletrônica e uma revista de poesia eletrônica em disquete que permite publicar as obras sob o formato de programas executáveis. Já existiam, em particular nos Estados-Unidos, publicações deste gênero poético, mas elas publicavam apenas textos gerados pelos programas. Tibor e eu pensávamos que o programa era um componente da obra eletrônica e que apenas a publicação dos textos gerados descaracterizaria a percepção da obra e a tornaria incompleta.

---

<sup>1</sup> Texto enviado pelo autor para a tradutora em fevereiro de 2013 com a finalidade de ser publicado em periódico de língua portuguesa.

<sup>2</sup> Professor de Ciências da Informação e da Comunicação do Departamento de Hiper mídias da *Université Paris 8* (França), coordenador do grupo *Écritures Numériques* (Laboratório *Paragraphe*, UP8) e fundador e editor da revista eletrônica *alire* (CD-ROM), Bootz foi o pioneiro nos estudos da poesia digital francesa. Algumas de suas produções poéticas e críticas estão publicadas em: *Passage. alire* 10 (1996). 1996-MOTS-VOIR. CD-ROM. 2004. 12 Feb. 2012 <http://www.labo-mim.org/site/index.php?passage2;> *Formalisation d'un modèle fonctionnel de communication à l'aide des technologies numériques appliqué à la création poétique*. Diss. Université de Paris 8. Paris, 2001; "La littérature numérique." *Les Basiques*. Leonardo/l'Observatoire Leonardo pour les Arts et les Techno-Sciences (OLATS), 2007. 7 Feb. 2012 <http://www.olats.org/livresetudes/basiques/litteraturenumerique/basiquesLN.php> e "The Unsatisfied Reading." *Regards croisés: Perspectives on Digital Literature*. Ed. Philippe Bootz and Sandy Baldwin. Morgantown, WV: WVU P, 2010. (N.T.).

Assim nasceu o grupo L.A.I.R.E. e a revista *alire* [sic], cujo nome é o próprio anagrama. L.A.I.R.E. (Leitura Arte Inovação Pesquisa Escrita), com a reunião de jovens poetas todos oriundos ou próximos dos movimentos pós-concretos (espacialismo, poesia sonora, poesia visual): Frédéric Develay, Jean-Marie Dutey, Claude Maillard, Tibor Papp e eu mesmo. A primeira ação do grupo foi criar *alire*, apresentada pela primeira vez ao público durante um evento que a *Revue Parlée* do centro Pompidou consagrou ao nascimento da revista em 16 de janeiro de 1989. Este primeiríssimo opus<sup>3</sup>, de número 0.1, é um livro objeto que comporta obras impressas, uma fita de áudio, um disquete Atari<sup>4</sup> informático e disquetes para PC 5,1/4<sup>5</sup>. Foi preciso esperar a publicação, alguns dias depois, do número 1 para que a revista se tornasse realmente uma revista eletrônica. Este número 1 retoma obras para PC do número 0.1, além de algumas outras, sempre para PC, realizadas pelos membros da L.A.I.R.E. As outras mídias são retiradas da revista. Os disquetes contêm apenas as obras. Eles são acompanhados de um pequeno livro impresso que representa um editorial. A publicação das obras programadas e das informações sobre diferentes suportes nos parecia na época uma absoluta necessidade: era conveniente marcar a especificidade eletrônica desta nova poesia que surgia e, sobretudo, não criar confusões a seu respeito. Foi esta confusão que tinha impedido até então a percepção da especificidade da literatura eletrônica, simplesmente porque ela permanecia publicada em livros. Colocar textos impressos em disquetes teria recriado tal confusão sobre o suporte eletrônico. Foi para impor a presença do programa, em particular no momento da execução das obras, na leitura, que nos recusamos digitalizar os documentos impressos ou gravar no formato impresso ou em vídeo os resultados criados na tela pelos programas. Só a partir de 1995 essas exigências foram abandonadas: o mundo cultural tinha evoluído nesse intermédio

---

<sup>3</sup> Substantivo de origem latina que designa, junto com um número, a obra de um compositor na ordem cronológica da sua composição. (N.T.).

<sup>4</sup> Considerando que a maioria dos termos da informática provém do Inglês, com grande parte sendo assimilada à língua portuguesa, e à língua francesa, optou-se nesta tradução por mantê-los sem os destaques gráficos das aspas e do itálico. (N. T.).

<sup>5</sup> Fundada em 1972, por Nolan Bushnell e Ted Tabney, a Atari é uma empresa de produtos eletrônicos e uma das principais responsáveis pela popularização de vídeos games, como o jogo Pong. O disquete foi lançado em 1967 pela IBM no formato disco de 8 polegadas e 80 KB, mas com uso exclusivo para leitura. Em 1975, o disquete foi aprimorado para o disco 5 e 1/4 polegadas, onde se podia ler e gravar dados. Foi somente no início dos anos 80 que este dispositivo se popularizou. Na década de 90, o disquete se tornou obsoleto no mercado da informática, sendo substituído por outras mídias digitais com mais velocidade e capacidade de armazenamento, a exemplo do disquete Zip Drive, o CD-ROM, o DVD e o Pen Drive. Para mais informações, ver: [http://www03.ibm.com/ibm/history/exhibits/701/701\\_intro.html](http://www03.ibm.com/ibm/history/exhibits/701/701_intro.html).

de tempo e ninguém mais duvidaria da natureza específica da literatura eletrônica. Ela ainda era muito combatida (sofria grande resistência), mas tornou-se impossível negá-la.

A revista conservou desta forma seu formato original: uma série de disquetes (PC e depois PC e MAC) acompanhada de um livreto impresso, o conjunto apresentado numa caixa de plástico (Box) até o número 9 (1995). Mas ela evoluiu ao longo desses nove números porque o contexto tecnológico passou por forte evolução.

Descobrimos em 1990 uma propriedade fundamental do eletrônico, denominada desde então a labilidade: o resultado observável na leitura de um programa em execução não está relacionado apenas ao programa, ele depende também do contexto tecnológico no qual este programa é executado. O contínuo crescimento da potência dos computadores teve como efeito o aumento da velocidade de execução dos programas, o que acabou por descaracterizar a temporalidade das animações e, em alguns casos, reduzir significativamente a sua legibilidade, sobretudo a partir de 1993. Essa propriedade não poderia ter sido descoberta naquela época sem a permanência editorial da revista. Aliás, ela não foi descoberta pelos universitários, mas sim por autores. Diversas atitudes estavam à nossa disposição para lidar com essa situação. Elas refletiam conceitos radicalmente diferentes da natureza das obras digitais “de leitura privada” destinadas a serem lidas pelo leitor no seu material informático. O debate que se instaurou então no grupo é bem representado no artigo de Tibor Papp “littérature sur ordinateur – enregistrement – restitution” (literatura no computador – gravação – restituição) e minhas “notes” (notas), essas duas contribuições foram publicadas no livreto de *alire* 3 em 1990. O grupo finalmente aderiu a minha concepção e eu re programei em 1994 o conjunto das obras PC publicada nos seis números anteriores da revista, integrando um dispositivo de medida e gestão da labilidade que privilegiava a legibilidade das animações em eventual detrimento a outras qualidades estéticas. Esta reprogramação marca uma mudança editorial da revista. Editada por L.A.I.R.E. em sua versão original, ela é agora, em sua segunda edição e para os demais números que virão, editada pela associação MOTS-VOIR, da qual me torno editor oficial mas, L.A.I.R.E. permanece no comitê editorial da revista, o que não altera sua linha editorial.

Os três números seguintes (7, 8 e 9), integraram originalmente esse dispositivo que constitui a segunda edição de *alire* e uma atualização em disquete, segundo a nova edição dos números 1 a 6, que foi gratuitamente enviada para todos os assinantes da

revista em 1995. A partir desta data, estes números são apenas vendidos sob o formato da segunda edição, todos os exemplares da primeira edição foram retirados de circulação. Resulta disso que hoje, os números da edição original dos 6 primeiros números de *alire* são extremamente raros uma vez que *alire* teve que inventar ao mesmo tempo os “lápiz” para escrevê-los, as “páginas” para publicá-los e seus leitores, o número de exemplares em circulação desses números ainda eram poucos em 1994.

Em 1995, o conjunto dos números PC em disquete (1 a 9) da segunda edição está reunido numa publicação única denominada “le salon de lecture életronique” (o salão de leitura eletrônica). Primeiro publicado em disquetes, este salão de leitura é gravado no mesmo ano em CD-ROM enriquecido de uma interface que permite navegar entre os exemplares por números ou por autor. Ele inclui também o conteúdo dos livretes impressos e não é acompanhado de nenhum outro documento. Trata-se do primeiro CD-ROM francês de poesia eletrônica e certamente um dos mais antigos do mundo. Os exemplares em disquetes restantes não são mais editados, mas permanecem disponíveis para venda na editora. Eles são considerados números de coleção.

O número *alire* 10 é editado em 1997 em conjunto com o número 13/14/15/16 da revista DOC(K)S. O conjunto se apresenta sob a forma de um livro acompanhado de um CD-ROM. Ele estabelece um panorama representativo dos conceitos da época daquilo que pode ser a poesia eletrônica. Ele comporta 109 contribuições sob diversas formas (impressas, fotos, vídeos, programações) de autores dos continentes europeu e americano (norte e sul). Os números seguintes, 11 a 14 são publicados em CD-ROM. O último, o número 0.0, é um DVD que marca o fim da revista.

*Alire* teve um impacto importante no desenvolvimento da poesia eletrônica. Ela possibilitou reagrupar autores, principalmente franceses, que, de número em número, dialogavam através de suas obras. Uma estética tipicamente francesa, denominada de “estética da frustração”, foi se construindo a medida dos números. Essa estética não colocava o leitor em situações que demonstravam que as modalidades de leitura estavam inadaptadas a esta nova literatura. Isso aconteceu porque *alire* foi criada em uma época onde o público não existia. Seus autores se sentiam então bem livres para experimentar a não-leitura, uma situação que nenhum editor aceitaria hoje. *Alire* não é uma empresa editorial, é uma ação militante, um manifesto poético. Ela foi criada por isso, mesmo se as intenções iniciais que Tibor e eu tivemos sobre a revista eram

diferentes: Para Tibor, a revista era o órgão editorial de um movimento literário, o local onde podia expressar suas convicções e publicar as suas produções. Do meu lado, eu considerava a revista como uma oportunidade de orientar o desenvolvimento da poesia eletrônica. Estimei como fundamental permitir o desenvolvimento de uma literatura destinada a uma leitura individual, em um quadro privado e íntimo. Ambas as concepções complementares funcionaram. Elas foram mantidas até o fim: nunca procuramos autores ou publicamos obras visando sua promoção.

Desde 1991, Orlando Carreño, então pesquisador na universidade Complutense de Madri, demonstra em sua tese que *alire* é a primeira revista de poesia a publicar programas executáveis. Ela, de fato, atraiu autores estrangeiros. Inicialmente aberta apenas para autores da L.A.I.R.E., ela acolhe a partir de 1994 autores franceses e depois estrangeiros. O número 8 (novembro de 1994) não contém nenhuma obra da L.A.I.R.E. para marcar a abertura da revista. De fato, *alire* possui um fundo editorial representativo das tendências dos anos 1990 e do início dos anos 2000. A maioria dos principais autores de poesia eletrônica, francesa e estrangeira desta época, publicou na *alire* (para citar apenas alguns: Jean-Pierre Balpe, Patrick Burgaud, Philippe Castellin, Annie Abrahams, Reiner Strasser, Eduardo Kac, Jim Rosenberg, John Cayley, Loss Glazier, Jim Andrews, Ladislão Pablo Gyori, Wilton Azevedo, Alckmar Luiz dos Santos, Pedro Barbosa)<sup>6</sup>. *Alire* não tinha, todavia, vocação para tornar-se uma revista de poesia eletrônica “clássica”, é uma das razões pela qual ela nunca foi levada à Internet, considerando que as criações poéticas utilizando as especificidades da Internet não podiam passar por uma revista online. É bem o que obsevamos hoje, as revistas online só publicam, massivamente, obras que já poderiam estar em CD-ROM, mesmo se estas obras são escritas numa linguagem feita para a Web: *alire* 11 e *alire* 12 possuem um site local em CD-ROM.

*Alire* é então uma revista militante, ligada em particular ao desenvolvimento específico da poesia eletrônica no período que antecedeu a expansão da Web. Ela antecipou certas características que a Web tornou familiares, mas que eram desafios nos anos 80 – 90: a ideia que a poesia eletrônica era destinada a ser lida sobre uma tela e não sobre o papel; que o programa é um elemento fundamental da obra; que ela se dirige, como toda poesia, ao leitor no seu quadro privado e não está necessariamente destinada a

---

<sup>6</sup> Destes autores estrangeiros são brasileiros: Eduardo Kac, Wilton Azevedo e Alckmar Luiz dos Santos, Pedro Barbosa é português.

performances públicas que seu modo de difusão permanece a revista. Ainda assim acompanhou o coletivo internacional “transitoire observável” (*alire* 12, 2004), participou do renascimento cultural da poesia eletrônica na França se associando a outras revistas, certas vezes de grande público, integrando-se a ações pedagógicas nacionais ou exposições. Ela constitui incontestavelmente um ponto de referência na história da poesia eletrônica mostra também que o impacto cultural de uma produção literária não depende do tamanho do seu público leitor. Como havia me dito Tibor Papp em 1988, não importa muito que uma revista tenha 1 ou 1000 leitores, o que conta é que ela existe. É bom lembrar, nesses tempos onde toda empresa cultural fantasia sobre o tamanho de sua plateia e sobre o slogan de marketing designado como de “grande público”. Havia autores que eram e permanecem livres diante desse dogma. Não há dúvida que existam outros hoje, jovens, trilhando certamente caminhos proibidos, impensados ou inomináveis. Pode-se apostar que são eles que constroem a literatura de hoje; a que leremos amanhã. Se a existência de *alire* pode incentivá-los a seguir seu caminho, então *alire* terá plenamente preenchido seu papel, muito além do da poesia eletrônica.

### Referências bibliográficas:

BOOTZ, P. (2007). **Les Basiques: La littérature numérique**, Leonardo Olats (Collection les Basiques), <<http://www.olats.org/livresetudes/basiques/litteraturenumerique/basiquesLN.php>>.

\_\_\_\_ (2007). “Poetic Machinations”, E. Kac (ed.), *Media Poetry: an International Anthology*, Bristol (UK) & Chicago, Intellect Books, p. 213-228.

\_\_\_\_ (1999). “alire: a relentless literary investigation”, trad. J. Stevens, *Electronic Book Review* n° 9, < <http://www.altx.com/ebr/reviews/rev9/r9boo.htm>>.

\_\_\_\_ (2004). “Poésie et informatique”, Analyse théorique et réalisation de la partie consacrée à la littérature informatique du **CD-ROM créations poétiques au XX° siècle visuelles, sonores, action...**, CDRP de Grenoble, octobre 2004.

CARREÑO, M.; RODRIGUES, O. R. (1991). **Nuevas Tecnologias de la Informacion y Creacion Literaria**, Madrid, Universidad Complutense.

FUNKHOUSER, C. (2007). **Prehistoric digital poetry an archaeology of forms, 1959-1995** Tuscaloosa, University of Alabama Press.